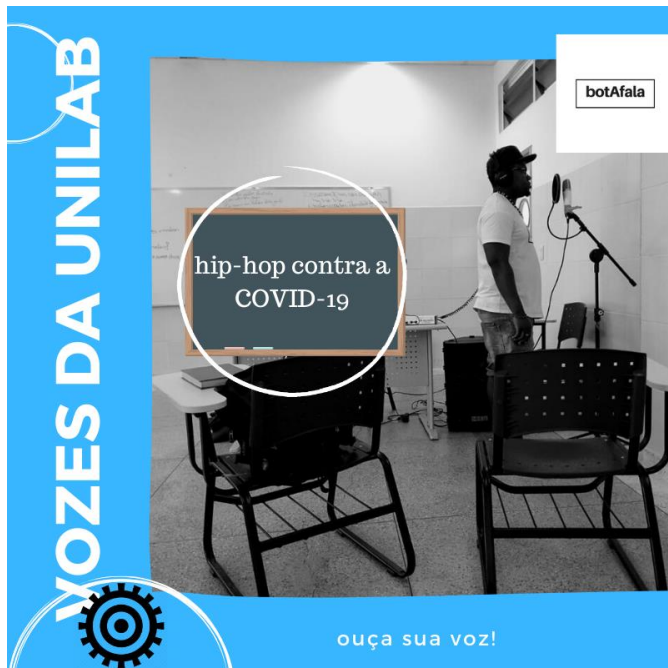


# Podcast Vozes da UNILAB



*Série especial:*  
Hip-hop contra a COVID-19

*Até que o dente podre seja arrancado, a boca deve mastigar  
com cuidado.*

#### Provérbio nigeriano

*Uma parábola ou fábula, semelhante à história bíblica de Adão e Eva no jardim do Éden é contada com vários detalhes entre muitos povos africanos: “Originalmente, o céu, que fornecia todas as necessidades humanas, era mais baixo, próximo à terra e ao alcance de todos. Tudo o que alguém precisava era esticar as mãos e arrancar o que precisava do céu. Mas um homem poderoso, um perfeccionista, cheio do impudente espírito de aventura, que o havia beneficiado bastante no passado, não estava satisfeito em ter que esticar os braços antes de conseguir o que queria e, portanto, tentou procurar maneiras pelas quais ao desejar algo simplesmente o que queria cairia do céu prontamente em suas mãos. O céu ficou irritado e se afastou do alcance de todos para sempre.”*

Texto do filósofo camaronês Godfrey B.Tangwa

Esse podcast foi feito com roteiro e orientação de Marcos Carvalho Lopes, gravado por Eugênio da Silva Evandeco, José Matias DalaFilipe, Magnusson da Costa e Suleimane Alfa Bá entre a última semana de Março e a primeira semana de Abril.

O episódio foi ao ar no dia 07/03/2020. Disponível no site:

<http://vozesdaunilab.unilab.edu.br/>

Divulgamos aqui o texto base do episódio para que a ouvinte tenha acesso aos links e canções citadas e possa multiplicar a utilidade desta iniciativa. Professores que queiram utilizar o episódio como mote para sala de aula entrem em contato com a gente e solicitem o beat que foi feito por Eugenio da Silva Evandeco (MenteCriativa) especialmente para este episódio. No site disponibilizaremos uma versão preliminar do beat para os interessados: a contrapartida e a referência, citar a fonte e seguir em frente!

---

Ouça sua voz!

# INTRO

Este é o episódio zero do podcast Vozes da Unilab em uma nova série especial que busca alertar e divulgar iniciativas de combate a pandemia do COVID-19. Nosso foco na série é dialogar com os espaços africanos na África e na diáspora.

O Vozes da UNILAB é um podcast desenvolvido na Universidade da Integração da Lusofonia Afro-brasileira, como parte do projeto de pesquisa e extensão botAfala.

Neste episódio, vamos tentar descrever um pouco sobre como o hip-hop tem servido como uma ferramenta de combate ao COVID-19 nos espaços africanos. Ouça sua voz!

Este é um episódio modelo. Para que o projeto ganhe força e continue precisamos de sua colaboração: divulgue, compartilhe e comente com pessoas da sua comunidade e nas redes sociais. Você pode encontrar mais informações sobre este episódio, links e referências

no site [vozesdaunilab.unilab.edu.br](http://vozesdaunilab.unilab.edu.br). Estamos também no Facebook, na página [facebook.com/vozesdaunilab/](https://facebook.com/vozesdaunilab/)

Se você quiser reproduzir os episódios do podcast vozes da unilab em sua rádio web, rádio comunitária é só entrar em contato com a gente. O email é [vozesuni@gmail.com](mailto:vozesuni@gmail.com).

Para dar uma força para o projeto, avaliem e deixe seu recado na página do podcast no itunes. Avaliações positivas nos garantem mais visibilidade e ajudam outras pessoas a encontrar nosso trabalho. Deixe seu comentário, compartilhe com amigos e ajude a melhorar nosso projeto. Ouça sua voz!

O hip-hop geralmente é descrito a partir de 4 elementos: o M.C. , o D.J., o grafite e a dança dos b-boys. Essa divisão é questionável, já que em vários lugares do mundo podemos encontrar a prática do hip-hop sem algum desses elementos. O grafite mesmo tem uma história própria que não pode ser reduzida ao hip-hop. Em espaços e momentos diferentes outros fatores e práticas ganham destaque (como as batalhas de MC's ou concursos de dublagens) de acordo com acesso a tecnologia e a fatores culturais. Para além da enumeração de elementos, o mítico pioneiro Afrika Bambaata, foi quem destacou a importância e um quinto fator: o conhecimento. A busca pelo conhecimento amarra e dá sentido aos outros fatores transformando-os numa saga de autocriação, de conversão de si mesmo e da comunidade. Pouco importa quais os elementos que você considera fundamentais no movimento hip-hop: sem o compromisso radical com a comunidade e a busca por conhecimento o jogo não faz sentido! Por isso, diante do desafio da COVID-19 que pede mudança de hábitos e consciência, o movimento hip-hop tem se mostrado uma

ferramenta política importante para falar diretamente aos jovens.

Em África e nas tradições marcadas pela cultura africana na diáspora, os momentos de dor muitas vezes são mote para a construção de canções que promovem práticas de resistência. A canção realinha nosso ritmo na direção de uma mudança de hábitos e disposições. Isso não foi diferente quando o objetivo era combater a propagação de doenças contagiosas: no anos 8–90 o cantor Philly Bongoley Lutaay fez sucesso com uma canção que alertava para o combate a AIDS e no contexto atual o presidente da Libéria George- Weah se juntou a artistas do país para gravar uma canção de prevenção a Covid-19, chamada Coronavirus-Song

([http://www.youtube.com/watch?v=jZXyJW\\_vTT8](http://www.youtube.com/watch?v=jZXyJW_vTT8)).

No Brasil, o rapper MV Bill lançou a canção Quarentena destacando a necessidade de consciência para mudar hábitos no combate á pandemia. O rapper descreve as ruas vazias, é destaca que é “assim que tem que ser”, mas de modo mais forte negrita o desafio de

**Conexões marginais em A gente não para**

A canção do botAfala **A gente não para** foi feita como um funk que procura traduzir em canção aquilo que Halifu Osumare chama de “conexões marginais”, as condições de pobreza que unificam os guetos em todos os lugares e faz com que a identificação com o hip-hop dessas periferias crie uma comunidade global. A letra cita vários guetos dos PALOP, e celebra “a gente que não para” e continua lutando contra a falta de grana, a desigualdade. A letra da canção está em anexo no fim deste arquivo e disponível neste link: [encurtador.com.br/1ELZ4](http://encurtador.com.br/1ELZ4)

quem vive na periferia, seja em sambizanga, mindará ou Cajazeiras, “pra nós a COVID é diferente/ As casas não são grandes e geralmente tem muita gente/ Aglomeração inevitável/ Alguns lugares ainda não tem água potável”.\* MV Bill descreve a necessidade da quarentena para que a curva de contaminação se amenize. Já sabemos que faltará espaço nos hospitais, por isso é preciso se prevenir, lavar as mãos, evitar contato com as mucosas. Mais do que nunca é necessário ter inteligência pra não cair no discurso que ostenta



ignorância e arrogância, mas que não valoriza a vida. MV Bill anuncia: a máscara de quem pensa assim já caiu...

Diversas organizações sociais ligadas ao movimento hip-hop têm trabalhado nas favelas e comunidades da periferia das grandes cidades do Brasil; coletivos de grafite também têm criado imagens que alertam sobre o problema. Enquanto isso, nomes importantes do cenário do hip-hop nacional como GOG e Emicida promovem *lives* dialogando sobre temas diversos e desafinando o coro dos contentes. Emicida até lançou um podcast em que vai descrever o jogo de referências que estão persentes em seu álbum mais recente, *AmarElo*. São muitas iniciativas, difíceis de rastrear todas. Este podcast, por exemplo, é uma delas. Mas o hip-hop já havia sido utilizado como ferramenta de conscientização desde o início da pandemia.

Em Portugal já no começo de março o influente youtuber Miguel Paraíso fez paródias tratando do Coronavírus num tom humorístico que com o avanço da doença se mostrou inadequado. Em termos mais cuidadosos, em Guiné Bissau o Projeto SCV (ALL B, CALI MC, FILTROS & PIAZZA PRINCE) (<http://www.youtube.com/watch?v=NRUZwy8Ccg0>);

Movimento Nova Ordem e  
(<http://www.youtube.com/watch?v=mLvGPBHREwI>)  
King Klever - Coronavírus  
(<http://www.youtube.com/watch?v=HQOr98A4Uko> )  
foram alguns dos artistas que lançaram canções sobre a  
pandemia. Em Angola a “Dança do Corona” trouxe o  
afrohouse pro combate ( Dj Akam-M, Dj Guileu Cabral,  
Pink 2 Toques e Bruno  
Samora)(<http://www.youtube.com/watch?v=8cqxDobOOZU>) e o Projecto Os Kuduristas lançaram Unidos  
Contra [Covid-19] CoronaVírus  
(<https://www.youtube.com/watch?v=OmLIryz8mt8>)

"Ouvi falar desse novo coronavírus se espalhando na velocidade da luz. Respirar esse vírus causará pneumonia sem custos, talvez sem sintomas óbvios por 14 dias. O próximo passo é a alta temperatura corporal, tosse, dor de garganta, dificuldade pra respirar", estes versos, mais parecem um tipo de guia médico, fazem parte de uma canção lançada em fevereiro por Percy Akuetteh. O rapper de Gana faz doutorado em medicina na Universidade de Wenzhou na China, e fez este rap em mandarim para alertar sobre como se prevenir do coronavírus

([http://www.youtube.com/watch?v=Brf7g\\_w1T5M](http://www.youtube.com/watch?v=Brf7g_w1T5M)).

O rapper dominicano Yofrangel também foi um dos primeiros a alertar para o Coronavírus, ao lançar no começo de Janeiro a canção Corona Virus ([http://www.youtube.com/watch?time\\_continue=19&v=uF3dg5seGLs&feature=emb\\_logo](http://www.youtube.com/watch?time_continue=19&v=uF3dg5seGLs&feature=emb_logo)). No entanto a canção e o clipe de Yofrangel causaram polêmica, talvez pelo alcance da pandemia ainda limitado no momento o cantor tratou com tom humorístico o problema, alcançando mais de 7 milhões de visualizações no youtube. Há menos de uma semana Yofrangel lançou uma continuação de sua primeira canção e vídeo-clipe: a

canção fala sobre a quarentena (<http://www.youtube.com/watch?v=xM3-LcF-uwU>).

O rapper ugandense Bobi Wine junto com o músico Nubian Li lançou a canção *Coronavirus alert* que já tem mais de 750 mil visualizações no youtube. A letra alerta de modo didático que existem boas e más notícias: “ a notícia ruim é que qualquer pessoa é uma vitima potencial/ A boa notícia é que qualquer pessoa é uma solução potencial/ sensibilize as massas para a higienização/ manter a distância e a quarentena”, a letra mantém o sentido pedagógico, de que a prevenção é mais fácil do que a cura, por isso é preciso “Disciplina e higiene pessoal/ lembrando-se de lavar regularmente as mãos, / manter distância de todos / e informar se tiver sintomas. / Febre alta é um sintoma. / Tosse seca é um sintoma. / Inclusive espirrar pode ser un sintoma...”. Também de Uganda Ykee Benda reuniu vários artistas (King Saha, Joanita Kawalya, B2C, Dre Cali, Feffe Bussi, Myco Ouma, Jose Sax) para produzir a canção CORONA (<http://www.youtube.com/watch?v=a44VHZt6f-Q>). Já a cantora Spice Diana se uniu a Fik Fameica para produzir a canção Coronav([http://www.youtube.com/watch?v=Lre39\\_u zVoo](http://www.youtube.com/watch?v=Lre39_u zVoo)).

Mas não se trata só de trazer novas canções, mas de cantar e dar voz para os sem voz. Muitas vezes usando línguas que não são oficiais no país.

Théa Ollivier, em reportagem para o *Le monde* no dia 30 de março, descreveu como o hip-hop do Senegal vem se mobilizando para alertar a população sobre a necessidade de prevenção em relação ao COVID-19. O país vive em situação de estado emergência desde do dia, com toque de recolher entre as 8 da noite e as 6 da manhã. Nesse contexto, o hip-hop é uma importante ferramenta para disseminação de informações, já que a maioria da população do país é de jovens com menos de 19 anos.

A mobilização acontece tanto pela criação de imagens através do grafite, que no espaço público reconfigura o cotidiano destacando o momento de luta contra a pandemia, quanto através da criação de canções e clipes. O coletivo RBS Crew grafitou os muros da Universidade de Dakar com imagens que alertam sobre a ameaça do COVID-19 e destacam práticas de prevenção. Nas palavras de Madzoo, um dos membros do coletivo: "Nossa arte está comprometida com o serviço da população, estamos acostumados a lidar com problemas sociais, políticos e religiosos".

O grupo Y'en a marre lançou em 19 de março a canção "Fagaru Ci Coronavirus" (<http://www.youtube.com/watch?v=06YbY1MLp4A>),

que cantada em wolof traz o compromisso de unir as pessoas nestes tempos de crise, algo que faz parte do espírito do hip-hop. O Y em marre já havia feito canções para outros momentos de crise, como a do Ebola (Stop Ebola, Senegal [http://www.youtube.com/watch?time\\_continue=2&v=f2tARLMyvJc](http://www.youtube.com/watch?time_continue=2&v=f2tARLMyvJc)). Nas palavras de Simon Kouka, um dos líderes do grupo "O hip-hop é uma alavanca política muito poderosa e é facilmente compartilhada nas redes sociais". O grupo se mobilizou para distribuir álcool gel e mascarar em escolas corânicas, lojas e transportes, mas também procurou validar as informações que traz na canção junto ao ministério da saúde do Senegal ressaltando os avisos que valem para todos neste momento de lavar às mãos, evitar reuniões e saudações; tossir no cotovelo, usar um lenço e descartá-lo no lixo. Além disso, o rapper Simon Kouka negritou a necessidade de cuidado na busca de informações e ao perigo de tomar como fontes válidas as redes sociais, explicou ao jornal Le monde: "Os jovens devem evitar acreditar em todos que se levantam como especialistas e enganam as pessoas. O melhor é nos unirmos e seguir as instruções do ministério ", enfatizou.

O rapper Ngaaka Blinde, junto com um grupo de rappers também lançaram uma canção sobre o COVID-19 (<http://www.youtube.com/watch?v=URUPLZjjj0Q>), que apesar de ser uma iniciativa que não parte do estado, usa um trecho de fala do presidente durante a canção enfatizar a necessidade de união neste momento de pandemia. Cantando em wolof, em diálogo com o pop africano, de Bril e Bass Thioung, lançaram em 23 de Março a canção «Noy Moyto Corona» («comentário sobre a corona»), que já tem mais de 90 mil visualizações no YouTube desde 23 de março. ([http://www.youtube.com/watch?time\\_continue=2&v=ph4d6mSVvp4&feature=emb\\_logo](http://www.youtube.com/watch?time_continue=2&v=ph4d6mSVvp4&feature=emb_logo)).

A reportagem de Thea Ollivier destaca que, neste momento, a crítica social e as divergências políticas cederam lugar para uma mensagem que tem um valor comum e é urgente: a prevenção da pandemia. Nesta luta o hip-hop repercute certa sabedoria que aparece em um provérbio nigeriano: “Até que o dente podre seja arrancado, a boca deve mastigar com cuidado”.

---



## Curativo Hip-Hop

Por que um professor universitário *grooves*.

Cornel West<sup>1</sup>

“O blues é o uma forma elegante de enfrentar a catástrofe que produz graça e dignidade, fazendo com que o espírito de resistência nunca se extinga completamente”. Cornel West O reitor não compreende facilmente o conceito de professor universitário como *bluesman*. O intelectual acadêmico como *bluesman* é outra noção que não é engolida facilmente pelos poderes constituídos. Como seria a de um professor que grava um disco de hip-hop? Poucas administrações universitárias aplaudiriam tal movimento. Como regra geral, as administrações universitárias gostam de professores contidos. Eles ficam confortáveis, com definições estritas e limites apertados quando se trata da postura pública de membros do corpo docente.

Eu sempre vi isso de outra maneira. Acredito em estudos especializados. Acredito na dedicação de cada qual a um campo específico de estudos. Produzi o meu quinhão de escrita acadêmica. *A Evasão americana da filosofia: uma genealogia do pragmatismo*, um livro que escrevi em 1989, foi um trabalho deste tipo. *Mantendo a fé*, de 1993, foi outro. Mas isso nunca foi suficiente para mim. Se tiver que dizer o que há de errado com o mundo em que eu vivo, vou cantar o *blues* que mexe com a parte mais profunda da minha alma, por isso preciso seguir o exemplo do *bluesman*. Eu tenho que chegar lá. Eu tenho que cantar na frente de grupos de pessoas – em escolas e

---

<sup>1</sup> Texto traduzido por Marcos Carvalho Lopes.

igrejas, nas prisões e nas ruas, na TV, nas gravações, no iTunes e iPods – porque a mensagem do *blues* é universal – universalmente verdadeira e universalmente regeneradora.

A mensagem do blues é real, a mensagem de *blues* é a dor, e a dor é real como a chuva. Quando o blues deu lugar ao *rhythm-and-blues* e este *rhythm-and-blues*, ao hip-hop, eu não fiquei desanimado com as mudanças. Enxerguei todos como sendo ramos de uma mesma árvore. Essa árvore tem raízes profundas no solo da história. Eu gostei da ideia do desenvolvimento destes ramos. Junto com Mike Dailey, Derek Allen, e meu irmão Cliff, escrevi um [álbum de] hip-hop/ [com a] gravação de palavras recitadas, que, em muitos aspectos, era um instrumento de ensino. As canções eram sérias. Dirigiam-se ao nosso passado, nosso futuro e a nossa condição atual. As batidas eram tão fortes quanto a mensagem. Eu amei estar no estúdio e trabalhar com os *grooves*. Eu vi a operação como parte do impulso radicalmente democrático e tragicômico de dizer a verdade que vem diretamente das raízes do *blues*.

Vejo meu papel como educador, como alguém que sente uma vocação tanto socrática quanto profética, para implementar o que Nietzsche chamou de uma paideia cantada. (Paideia é a educação profunda que nos informa e transforma, trocando a ostentação (*bling bling*) pela procura pela sabedoria.) Eu sou sempre obrigado a lembrar que a paideia corresponde a uma formação insondável em que o auto-exame e o serviço aos outros produz amadurecimento, tornando a pessoa compassiva e disposta a falar, viver e se sacrificar pela verdade.

Vejo o hip-hop, como parte de um movimento ligado a uma educação dançante, ensinando que prazer e instrução podem vir juntos. Eu sei que eu não sou um

rapper como KRS-One, que tem sido leitura em minhas aulas durante anos. Certamente não sou um cantor mais do que sou um pregador. Mas, de alguma maneira, se eu puder ajudar a desenvolver a consciência social de um Curtis Mayfield ou de uma Nina Simone através do hip-hop, se eu posso chegar a um jovem com uma mensagem incorporada em um som que mexe com a sua alma, então eu não trabalhei em vão. Meu ponto de referência como educador é vinculado a uma poderosa missão: inquietar mentes e motivar corações para que se esforcem na direção do bem.

O hip-hop é um jogo jovem. Alguns podem perguntar: “Porque é que este velho tolo gravou um CD de hip-hop?” Minha resposta é que a geração dos Dramatics e dos O’Jays pode - e deve oferecer - seus conhecimentos para a cultura atual. Eu acredito que existe uma continuidade, e não um conflito ou uma contradição, mas, na linguagem do rap, um fluxo contínuo entre uma geração e outra. Os anos 60 e 70 de Sly Stone e Stevie Wonder são mais pertinentes e atraentes do que nunca. Conecte-os com o que está acontecendo hoje e você tem uma fusão, uma espécie de híbrido, que olha para trás e para frente ao mesmo tempo. É uma coisa bonita.

## **Anexo:**

---

### **A gente não para**

Eu sou um pobre morador da favela  
Na humildade vou levando a minha vida  
Com dinheiro em falta  
A gente não para! (não!)  
Eu sou preto morador da favela  
E tenho orgulho da minha comunidade  
Com dinheiro em falta  
A gente não para! (não!)  
A gente não para! (não!)

Vou procurando um quebra-galho  
Desde cedo na matina  
Ganho muito pouca grana  
Mas garanto a minha sina  
Nesse mundo de ilusão  
O difícil é ter emprego  
Sonho com uma realidade  
Que nunca me desanima  
Vivo esperando da vida  
Algo que há tempos se perdeu  
Quero direitos e liberdade  
Algo que nunca foi meu

Eu sou um pobre morador da favela  
Na humildade vou levando a minha vida  
Com dinheiro em falta  
A gente não para! (não!)  
Eu sou preto morador da favela  
E tenho orgulho da minha comunidade  
Com dinheiro em falta

A gente não para! (não!)  
A gente não para! (não!)

O que tem em Sambizanga  
Também tem em Mindará  
Cada gueto, cada street  
Tem seu Palá  
Em Acari  
em Cajazeiras  
Em Camundongos  
também tem  
Em Capão Redondo  
O que falta aqui,  
Também falta lá.  
Conexões marginais  
Aqui neste refrão

Eu sou um pobre morador da favela  
Na humildade vou levando a minha vida  
Com dinheiro em falta  
A gente não para! (não!)  
Eu sou preto morador da favela  
E tenho orgulho da minha comunidade  
Com dinheiro em falta  
A gente não para! (não!)  
A gente não para! (não!)

Filho do gueto eu sou  
Sem dinheiro no bolso eu vou  
Ostentar felicidade  
Ninguém tira a minha, a minha liberdade  
Money katem (não há dinheiro),  
guita katem (não há dinheiro)  
Ma vida na kontinua (mas a vida continua)  
A gente não para!  
Todo dia é a mesma rotina  
Todo dia é a mesma rotina  
E não nego, enfrento as dificuldades  
Eu não nego, sei da desigualdade

Vou seguindo com minha dignidade  
E vou seguindo com minha dignidade

Eu sou um pobre morador da favela  
Na humildade vou levando a minha vida  
Com dinheiro em falta  
A gente não para! (não!)  
Eu sou preto morador da favela  
E tenho orgulho da minha comunidade  
Com dinheiro em falta  
A gente não para! (não!)  
A gente não para! (não!)

---